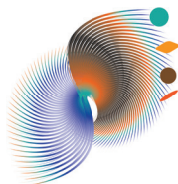


Como uma “rede espalhada”: a participação cívica vista de **Tropene – Memba**

HISTORIA DE SUCESSO



PROJECTO

**Pro-Cívico &
Direitos Humanos**

Financiado por:



Implementado por:



FICHA TÉCNICA

Titulo

Como uma “rede espalhada”: a participação cívica vista de Tropene – Memba

Propriedade

Fundação Mecanismo de Apoio à Sociedade Civil

Edição

Fundação MASC

Endereço

Av. da Marginal, 2º Andar, Bloco “A”, Edifício Jardim Centenário,
Maputo, Mozambique, 1251.

Tel: 843983782 | masc@masc.org.mz



Como uma “rede espalhada”: a participação cívica vista de Tropene – Memba¹

No distrito de Memba, os Comitês de Desenvolvimento da Aldeia (CDAs) estão a dar uma dimensão prática à participação cívica. Em Tropene, os participantes do Projecto Pro-Cívico e Direitos Humanos² organizam-se em torno de problemas concretos, procuram respostas junto das instituições públicas e, quando podem, mobilizam os recursos disponíveis na própria comunidade.

A distância torna-se um problema de desenvolvimento

Em diferentes conversas nos três regulados da localidade de Tropene — Tuluá, Matilene e Muxaraua, situados mais para o interior do distrito — surgiram preocupações comuns a outras comunidades de Memba. Entre elas estão o acesso à água e à energia, as condições das escolas e unidades sanitárias, as telecomunicações, as oportunidades económicas para os jovens e as vias de acesso. Alguns destes desafios foram também documentados nas histórias “*Em Geba, as comunidades aprendem a fazer-se ouvir*” e “*Pró-Cívico reforça a relação ‘comunidades-Estado’ em Miaja*”, publicadas anteriormente pela Fundação Mecanismo de Apoio à Sociedade Civil (Fundação MASC). A importância de cada problema e as respostas encontradas, contudo, variam de uma localidade para outra.

¹ Esta história foi construída a partir de entrevistas realizadas na localidade de Tropene e em Memba-sede, entre 28 e 31 de Março de 2026. No dia 28 de Março, foram entrevistados três membros do CDA de Tuluá: Arnove Tauacale, presidente do CDA, Alexandrina Binoca e Muanaide Paulo, membros do CDA. No dia 30 de Março, foram ouvidos Artur Aufer, chefe do Gabinete do Administrador do Distrito de Memba, e Silvério Rassul, director distrital de Educação, Juventude e Tecnologia; e, no dia 31 de Março, José Welder, chefe da localidade de Tropene. Os entrevistados deram consentimento verbal para a utilização dos seus testemunhos e imagens nesta publicação. As entrevistas decorreram em português e Emakhuwa; os depoimentos recolhidos em Emakhuwa foram traduzidos para português.

² Pro-Cívico e Direitos Humanos é um projecto iniciado em 2023, financiado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros da Finlândia, através da Embaixada da Finlândia em Moçambique, e implementado por um consórcio integrado pela Fundação MASC, IMD, CESC e CDD. O projecto promove a participação dos cidadãos e das organizações da sociedade civil nos processos de tomada de decisão, com particular atenção às mulheres, aos jovens, às pessoas com deficiência e a outros grupos marginalizados.



Em Tropene, as vias de acesso ganharam particular relevância nas conversas porque se cruzam com vários desses desafios. As estradas ligam as comunidades às machambas, aos mercados e às zonas costeiras do distrito, mas também às escolas, unidades sanitárias e outros serviços públicos. As condições em que se encontram influenciam a circulação de pessoas e bens e, numa localidade essencialmente agrícola, o transporte da produção para os locais de comercialização.

Esta relação torna-se mais clara quando se considera a economia local. Enquanto nas comunidades costeiras de Memba a pesca tem um peso importante, em Tropene as famílias dependem sobretudo das machambas e do pequeno comércio. Mandioca, milho, feijão-nhamba e feijão-bóer estão entre os principais produtos agrícolas do distrito. Na campanha agrícola de 2024/2025, o Governo Distrital reportou uma produção de cerca de 578 mil toneladas de culturas diversas, segundo o “Balanço Anual do Plano Económico e Social e Orçamento do Distrito (PESOD) – 2025”. Para muitas famílias de Tropene, o desafio não termina na machamba ou na sua comunidade, considerando que é preciso

conseguir transportar a produção e fazê-la chegar aos locais onde pode ser vendida.

O trajecto entre Memba-sede e Tropene ajuda a perceber como as condições das vias afectam a vida local. Pela comunidade 7 de Abril, na localidade de Miaja, percorrem-se cerca de 40 km. Existe uma ligação mais curta, de aproximadamente 32 km, mas nem sempre está transitável. Durante a época das chuvas, alguns troços degradam-se a ponto de dificultar ou impedir a circulação.

O problema não se limita à ligação com a sede do distrito. Dentro da própria localidade, as vias que ligam comunidades, zonas de produção e serviços públicos enfrentam dificuldades semelhantes. Na época chuvosa de 2025/2026, por exemplo, um troço de cerca de 4 km entre Namahaca e Chilapane, no regulado de Tuluá, ficou praticamente intransitável. A estrada é utilizada, entre outros fins, para chegar à unidade sanitária local. A dificuldade ganha maior dimensão num distrito onde a população percorre, em média, cerca de 11 km para encontrar uma unidade sanitária, segundo o “Balanço Anual do PESOD de Memba de 2025”.

Diante do desafio, Arnove Tauacale, presidente do CDA de Tuluá, decidiu reunir os jovens com quem já participava nos encontros comunitários. Ele disse:

“Meus irmãos, a estrada que sai daqui de Namahaca para Chilapane está muito estragada. [...] Muitas mães vêm de lá [Namahaca] para o centro de saúde, que fica ali no centro [Chilapane]. Com aquela via danificada, as mães sofrem para ir ao centro de saúde. Então, vamos ajudar. Ninguém vai receber moeda [dinheiro] por este trabalho; vamos ajudar-nos voluntariamente.”

Cerca de duas dezenas de jovens aceitaram. Durante dois dias, cortaram troncos nas matas, transportaram-nos para a estrada e utilizaram-nos para recuperar os pontos mais degradados. Pouco depois da intervenção, por coincidência, segundo Arnove, uma viatura conseguiu passar pelo troço para realizar uma actividade de saúde em Chilapane, que incluía a distribuição de redes mosquiteiras: *“Conseguimos resolver o problema da via. Até conseguimos fazer passar um carro para ir distribuir a rede mosquiteira na comunidade de Chilapane.”*



Arnove Tauacale - Presidente do CDA de Tuluá

A iniciativa resolveu uma necessidade imediata, mas não eliminou o problema da estrada. Os jovens de Tuluá fizeram aquilo que estava ao seu alcance naquele momento; uma intervenção duradoura exige recursos e meios que ultrapassam a capacidade da comunidade. Artur Aufer, chefe do Gabinete do Administrador de Memba, reconhece que as vias de acesso continuam entre as áreas que precisam de maior investimento público no distrito:

“Uma das áreas que eu gostaria de ver melhorada mesmo é a questão de vias de acesso. [...] Havendo melhoria mesmo para o transporte de bens e pessoas, significaria muito para as comunidades.”

No caso da ligação entre Namahaca e Chilapane, as duas dimensões ficaram lado a lado: a comunidade conseguiu restabelecer a passagem com os meios disponíveis, enquanto a reabilitação duradoura da via continua a depender de investimento público.



Aprender a levar um problema à instituição certa



A estrada é apenas uma parte da experiência de participação em Tropene. Em Tuluá, Arнове preside ao CDA desde a sua criação, em 2023. Conta que os membros se reúnem para discutir os problemas das comunidades, definir prioridades nos mapas de sonho e preparar cartas para as instituições responsáveis. Se falta um professor, por exemplo, a preocupação é primeiro discutida localmente e depois encaminhada, através das estruturas existentes, aos serviços distritais.

As respostas nem sempre chegam no tempo esperado pelas comunidades. Arнове diz que

esta espera também passou a fazer parte das conversas do CDA, nas quais os membros procuram acompanhar as preocupações apresentadas e, ao mesmo tempo, explicar às comunidades que nem todas podem ser respondidas de imediato. Arнове diz:

“O Governo dá-nos respostas, mas nós, como crianças, estamos sempre a chorar. [...] Entendemos que não é possível resolver tudo em pouco tempo, porque somos muitos e as respostas a todos os nossos pedidos não podem chegar de uma só vez.”

Participar passou, assim, por duas tarefas, segundo Arnove. Primeiro, fazer chegar os problemas às instituições responsáveis e, segundo, manter a comunidade informada enquanto se procura uma resposta.



Muanete Paulo - Membro do CDA de Tuluá

Em Tuluá, uma dessas preocupações era a escola. A comunidade queria que deixasse de funcionar apenas como Escola Primária e fosse elevada a Escola Básica. Arnove conta que a questão foi apresentada ao Governo. Mais tarde, uma das organizações que opera em Memba, apoiou a escola com chapas de zinco, portas, cimento e outros materiais. As duas salas existentes passaram a cinco. O CDA mobilizou também bolas e equipamento desportivo para os jovens, dando continuidade a uma experiência de envolvimento juvenil desenvolvida pela Fundação MASC em projectos anteriores no distrito de Memba.

Muanete Paulo descreve o mesmo processo a partir de outra experiência. Natural de Memba-sede, vive em Tropene desde 2016 e participa no CDA local. Para ela, levar uma preocupação ao Governo começa antes de escrever uma carta:

“Nós sentámo-nos e vimos que esse era o caminho mais fácil para fazer chegar as nossas preocupações aos responsáveis. [...] Discutimos primeiro entre nós e percebemos que [...] tínhamos de escrever para fazer chegar bem a mensagem.”

Primeiro, discutem o problema e procuram perceber se é realmente uma preocupação da comunidade. Também procuram falar apenas da realidade que conhecem. *“Não podemos falar sobre coisas que não sabemos. Noutras comunidades não sabemos. Só estamos a falar assuntos que não temos na nossa comunidade”*, explica Muanete.

Depois é preciso saber onde apresentar a preocupação. Muanete chama a isso encontrar *“a porta certa”*: Educação para um problema da escola, Saúde para uma questão sanitária ou Electricidade de Moçambique (EDM) para energia. Líderes comunitários, régulos e outras estruturas locais ajudam a encaminhar os assuntos. Mas conhecer a instituição certa não significa necessariamente sentir-se à vontade para entrar nela. Para ela, essa foi outra aprendizagem. Ela explica: *“Para chegar à Educação, à Saúde, às Infra-estruturas ou à EDM, na cultura em que vivemos aqui, é preciso ter coragem.”*

Muanete recorda que uma pessoa da comunidade podia chegar a uma instituição pública, encontrar funcionários bem vestidos e sentir-se intimidada. Por vezes, essa diferença era suficiente para que alguém não apresentasse a preocupação que tinha sido encarregado de levar. As sessões do Pró-Cívico

sobre participação e direitos humanos ajudaram-na a olhar de outra maneira para essa relação. Muanete traduz essa aprendizagem da seguinte maneira: *“Aquele que se apresenta de outra maneira e eu não somos diferentes.”*

Na experiência de Muanete, os direitos humanos ganharam assim um sentido prático, que consiste em perceber que a condição social de uma pessoa não lhe retira o direito de entrar numa instituição pública, apresentar uma preocupação e procurar uma resposta.

O processo continua quando os membros do CDA regressam às comunidades. A informação recebida nos encontros sobre saúde, educação, participação, casamentos prematuros e outros assuntos é partilhada com os membros das comunidades. Quando surgem perguntas a que não conseguem responder, os membros do CDA levam-nas para os encontros seguintes. Em algumas ocasiões, a equipa do Pro-Cívico faz-se acompanhar por técnicos dos sectores da Saúde, Educação, Energia ou de outros serviços, permitindo que as questões sejam colocadas directamente a quem trabalha nessas áreas.

Da informação à participação



Assim, a informação não circula apenas das instituições para as comunidades. As dúvidas e preocupações encontradas nas comunidades fazem também o caminho de volta.

Os participantes do Pro-Cívico com quem conversámos associam esta mudança sobretudo ao maior envolvimento dos jovens. As reuniões já não se limitam aos alpendres comunitários ou à sede da localidade. Em articulação com os líderes locais, os membros dos CDAs escolhem espaços públicos ou casas de membros da comunidade e reúnem jovens, homens e mulheres, muitas vezes à sombra de uma árvore. Algumas sessões incluem

a audição de gravações distribuídas pelo projecto sobre participação cívica e direitos humanos. Quando alguém não compreende a mensagem em português, outro participante ajuda a explicá-la na língua local, nomeadamente em Emakhuwa.

Foi assim que discutiram, por exemplo, o acesso ao Fundo de Desenvolvimento Económico Local (FDEL), criado pelo Governo de Moçambique para financiar pequenos negócios de jovens, mulheres e empreendedores locais. Quando apenas alguns candidatos foram seleccionados na primeira fase e outros jovens começaram a mostrar descontentamento, o CDA reuniu-os para explicar

que haveria novas fases e que as candidaturas já submetidas continuariam a ser consideradas. Segundo Arno Tauacale, depois da explicação, os jovens aceitaram esperar pelo seguimento do processo. Por isso, ele diz que *“O Pro-Cívico já nos abriu a vista”*.

Quando falam do futuro, os membros dos CDAs com quem conversámos gostariam de ver os jovens transformar informação e participação em oportunidades económicas. Falam de pequenos negócios, salões de cabeleireiro e serviços financeiros móveis que possam gerar rendimento dentro da comunidade, além do fortalecimento das reuniões em grupo.

A falta de oportunidades económicas para os jovens não é uma preocupação exclusiva de Tropene. É um desafio que se coloca em diferentes partes do distrito de Memba. Silvério Rassul, director distrital de Educação, Juventude e Tecnologia, aponta algumas respostas que têm sido experimentadas, entre elas formações profissionais de curta duração e apoio a jovens para iniciarem actividades económicas. Cita casos ligados a pequenos serviços financeiros, comércio e carpintaria. Para Rassul, um primeiro passo é garantir que os jovens tenham

acesso à informação: saber que as oportunidades existem, conhecer os requisitos e perceber onde e como podem aceder-lhes.

O acesso à informação é apenas uma parte da mudança descrita pelos participantes de Tropene. Para Alexandrina Binoca, a diferença começou na sua própria forma de participar na vida da comunidade.



Alexandrina Binoca - Membro do CDA de Tuluá

Jovem, natural de Namahaca e membro do CDA de Tuluá, Alexandrina divide o seu dia-a-dia entre a machamba, a família e os encontros comunitários. Quando lhe perguntámos o que tinha mudado desde que começou a participar no Pro-Cívico, respondeu: *“Este programa mudou primeiro o meu comportamento.”*

Alexandrina conta que passou a participar com maior regularidade nas reuniões comunitárias e a partilhar com outras pessoas da comunidade aquilo que aprendia. Entre os assuntos que ela mais acompanha está a educação das raparigas.

Recorda que, durante muito tempo, continuar os estudos obrigava muitas crianças a sair da comunidade. Actualmente, segundo conta, é possível estudar localmente pelo menos até à 10ª classe. Para Alexandrina, ter a escola mais perto cria melhores condições para que as raparigas continuem a estudar e pode ajudar a reduzir os casamentos prematuros.

A experiência no CDA também lhe mostrou que participar não é um trabalho individual. No final da entrevista, quando lhe perguntámos que mensagem deixaria a outras mulheres e comunidades,

Alexandrina resumiu essa aprendizagem assim: *“A gente tem que trabalhar juntos, para que sejamos mais fortes.”*



Chegar onde os serviços distritais nem sempre chegam



José Welder acompanha essas mudanças como chefe da localidade de Tropene. Para ele, os CDAs ajudam a administração do distrito a conhecer problemas de comunidades dispersas pelo território, incluindo aqueles que nem sempre são imediatamente visíveis a partir da sede da localidade. Ele conta: *“Aquilo que não conseguimos ver directamente, eles conseguem ver directamente da comunidade e eles trazem ao Governo através das suas cartas.”*

Água, energia e telecomunicações estão entre os assuntos que chegam aos serviços distritais por essa via. Segundo Welder, Tropene tem pouco mais de 26 mil habitantes e cerca de uma centena de fontes

de água. Ele aponta também avanços e desafios no acesso a outros serviços. A energia eléctrica já chegou a Tropene, embora ainda não cubra todas as zonas. Em Nhucure e Maciala, no regulado de Matilene, persistem dificuldades de acesso à rede móvel.

A dispersão das comunidades coloca outro desafio, o de chegar aos lugares mais afastados. Welder chama-lhes *“os confins”*, que são zonas onde a informação e as actividades chegam com maior dificuldade: *“Os que estão aqui na sede já estão um pouco abertos, mas aqueles que estão lá nos confins são alcançados graças à mobilidade dos quadros.”*



José Welder - Chefe da localidade de Tropene

Para o chefe da localidade, melhorar as condições de deslocação dos membros dos CDAs permitiria chegar com maior regularidade a essas comunidades.

Mas a distância entre cidadãos e instituições nem sempre se mede em quilómetros. Muanete Paulo já tinha explicado isso a partir da sua própria experiência. Mesmo quando um serviço público está fisicamente acessível, é preciso saber onde apresentar uma preocupação e ter confiança para entrar e falar com quem tem responsabilidade para responder. Foi uma das aprendizagens que associou às sessões do Pro-Cívico sobre participação e direitos humanos.

É também fora dos encontros formais que esse trabalho continua. Nem todos os membros conseguem estar presentes em cada reunião onde se discutem os problemas das comunidades e se definem possíveis formas de resposta. Arno Tauacale conta que...

“Embora sejamos muitos membros [...] quando se promovem encontros na localidade, tem um determinado número que vai lá [...] Por vezes, eu costumo ir com 14 ou 10 jovens. Depende do encontro, porque costuma existir encontros grandes ou encontros de 15, 12, 10 ou oito participantes.”



Ele refere que quem participa regressa ao seu bairro e partilha com os outros aquilo que ouviu. Para ele, foi-se formando assim “como uma rede espalhada” pelas comunidades.

Muanete espera que essa rede continue para além dos membros que hoje participam nos CDAs. Quando os actuais participantes deixarem de desempenhar esse papel, outros jovens, diz, deverão ocupar o seu lugar:

“Nós podemos descansar, mas temos lá os mais jovens que precisam muito que o projecto os ajude, tal como nos ajudou. [...] Quero dizer que, para nós que estamos a participar agora podermos descansar, os mais novos

têm que entrar no nosso lugar, também eles participarem e começarem a contar as mesmas histórias que contamos.”

Em Tropene, a participação cívica ganha espaço nas comunidades. Os problemas são discutidos localmente, a informação circula entre os regulados e as preocupações chegam às instituições responsáveis. Quando podem agir com os meios disponíveis, como aconteceu na estrada entre Namahaca e Chilapane, os próprios participantes mobilizam-se. Os participantes do Pró-Cívico esperam agora envolver mais jovens nos CDAs e alargar esta experiência a outras comunidades de Memba.





PROJECTO

Pro-Cívico & Direitos Humanos

Financiado por:

